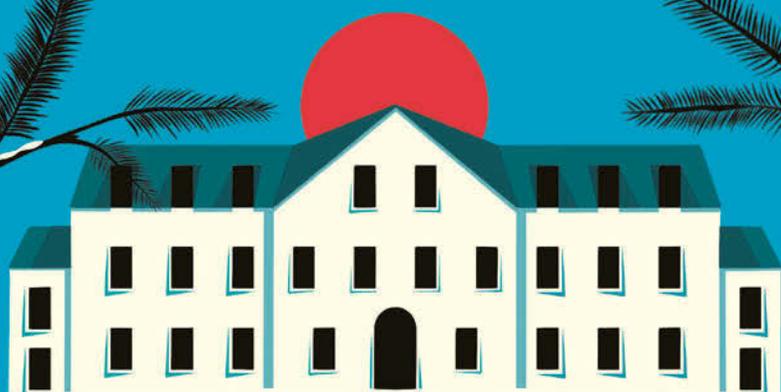


Um assassinio. Cinco suspeitos.  
Um enigma há quase 30 anos por desvendar.

# MORTE NO SANATÓRIO



# RAGNAR JÓNASSON

«Um dos melhores escritores  
de policiais da atualidade.»

*Daily Mail*



«Um policial meticulosamente  
orquestrado, digno de Agatha  
Christie.»

*Publishers Weekly*

*Para o doutor Helgi Johannsson,  
que emprestou o seu nome a Helgi.*

# Lista de Livros da Época de Ouro de Helgi

*O Assassinato de Roger Ackroyd*, de Agatha Christie, 1926

*O Enigma do Sapato Holandês*, de Ellery Queen, 1931

*Perigo na Casa do Fundo*, de Agatha Christie, 1932<sup>1</sup>

*O Castor Assassinado*, de Ngaio Marsh, 1935

*Um Enigma para Loucos*, de Patrick Quentin, 1940

---

<sup>1</sup> Título da tradução mais recente pelas Edições Asa. A obra teve outra tradução em português, com o título de *A Diabólica Casa Isolada*, pela editora Livros do Brasil, em 1932. [N. T.]

«Atrás de mim a morte espera.»

— Do poema *A Taça*, de Jóhann Sigurjónsson (1880–1919)

# 2012

*Helgi*

O silêncio desesperante foi quebrado.

Estava alguém à porta da rua, a bater com toda a força.

Helgi levantou-se.

Tinha estado sentado no sofá na companhia de um romance policial, a tentar que a imersão num mundo fictício o descontraísse um pouco antes de se deitar, mas essa paz havia acabado.

Ele e Bergthóra viviam na cave arrendada de uma casa antiga não muito distante do parque Laugardalur em Reiquiavique. A casa estava toda arrendada, sendo o piso de cima ocupado por um casal com duas crianças. Aparentemente, o senhorio vivia fora do país.

Helgi não se dava particularmente bem com os outros moradores, que tendiam a ser metedidos e pouco delicados, como se os seus direitos tivessem primazia sobre os demais só por eles habitarem a parte mais ampla da casa. Em consequência, e na melhor das hipóteses, o relacionamento entre a cave e o piso superior era frio e limitado ao essencial.

Helgi temia que fosse o vizinho quem estava a bater à porta, a intrometer-se uma vez mais. Contudo, havia outra probabilidade, e essa era pior.

Seguiu em direção ao vestíbulo com um andar relutante. A sala de estar era acolhedora, com as paredes revestidas do chão ao teto

com livros — os seus livros; uma poltrona confortável alinhava-se ao lado das estantes e um sofá de proporções aceitáveis estava em frente ao televisor. Sobre a mesinha de café havia algumas velas aromáticas, mas Helgi não as tinha acendido. Desta vez, não. No entanto, pusera um disco a tocar na aparelhagem; um autêntico, de vinil. A aparelhagem era nova e estava ligada ao sistema de cinema em casa, mas a música que ele ouvia compunha-se de antigos LP de *jazz* herdados do seu pai. As pancadas sonoras na porta imiscuíram-se na música suave, dilacerando o ambiente tranquilo que envolvia a casa.

*Raios*, pensou Helgi.

Ao chegar ao vestíbulo, uma nova sucessão de pancadas fez-se ouvir, e ainda mais forte desta vez. Inspirou profundamente e apoiou a mão na maçaneta, fazendo uma pausa rápida a adquirir o domínio de si próprio, antes de a rodar e abrir a porta.

No exterior, estava um agente de polícia fardado, um homem jovem, de ombros largos, feições pronunciadas e aparentando estar na casa dos 20 anos. Na obscuridade da noite, ele destacava-se sobre o foco de luz projetado do candeeiro exterior, exibindo uma expressão ameaçadora, como que a preparar-se para uma luta iminente. Helgi não o reconheceu. Um pouco mais atrás, na penumbra, estava outro agente. Este parecia mais descontraído, atendendo à sua postura, embora Helgi não lhe distinguisse as feições.

— Boa noite — saudou o polícia que estava sob a luz. A voz dele não era tão autoritária como Helgi previra. Na realidade, detetava um ligeiro tremor. Talvez a forma determinada como ele o encarava fosse apenas um estratagema para disfarçar o nervosismo. Talvez este fosse o seu primeiro turno. — Helgi? Helgi Reykdal?

Helgi, agora com pouco mais de 30 anos, idade pouco distante da do homem que proferia o seu nome, sentia-se em vantagem sobre o jovem agente.

— Helgi Reykdal, exato, sou eu mesmo. Então, o que se passa?  
— inquiriu ele delicadamente, alterando um pouco o equilíbrio de forças.

— Recebemos, ou melhor... — o jovem polícia hesitou, tal como Helgi previra que ia acontecer. — Fizeram uma queixa...

— Uma queixa? Quem é que a fez? — interrompeu Helgi. Ele não ia deixar transparecer a sua insegurança.

— Bom, nós... não podemos revelar esse dado.

— Há um tipo que vive no andar de cima — mencionou Helgi com um sorriso —, um tremendo idiota que passa a vida a reclamar. Eu acho que ele deve ter um casamento infeliz ou algo do género. Não se pode elevar a voz inclusive, ou, sei lá... ligar a televisão, sem que ele comece a bater com o cabo da vassoura no chão. E, pelo que estou a ver, o homem chamou a polícia.

— Ele ouviu uma grande altercação... — O jovem polícia parou a meio da frase, apercebendo-se obviamente de que havia falado demais. — O que eu lhe quero dizer é que recebemos uma queixa...

— Já tinha referido isso — interveio Helgi com ar imperturbável.

— Uma queixa a propósito de um distúrbio violento nesta residência. Uma discussão acompanhada de gritos. Mais graves do que os de uma discórdia normal.

Nesse momento, o outro agente da polícia emergiu das sombras, fitando Helgi diretamente nos olhos, e dando um passo na sua direção.

— Realmente, o nome soava-me familiar.

Ao lançar um olhar mais atento ao homem, Helgi reconheceu-o. No ano anterior, tinham feito alguns turnos em conjunto na polícia de Reiquiavique, embora não se conhecessem assim tão bem.

— Chamo-me Reimar — apresentou-se o agente. — O Helgi esteve connosco apenas no verão, temporariamente, ou ficou cá mais tempo?

— É verdade, estive aqui uns tempos depois de terminar a formação policial — confirmou Helgi. — Depois disso, fui fazer uma pós-graduação em Criminologia.

— Sim, é isso — disse Reimar. — Acho que me lembro de alguém mo ter dito. No Reino Unido, não foi? Sabe que eu próprio já pensei nisso diversas vezes? Dar continuidade aos estudos.

Helgi assentiu com a cabeça. Continuava parado à sombra da porta, com ar des preocupado, como se lhe coubesse a ele o comando das operações.

— Em bom rigor, eu ainda sou um estudante. Falta-me só concluir a tese, no entanto, era mais lógico fazê-lo aqui na Islândia. A minha companheira arranhou um bom emprego, compreende? — proferiu ele com um sorriso.

— É um prazer voltar a vê-lo — afirmou Reimar. — Bem, não nas circunstâncias mais favoráveis, é claro. Então, tem problemas com o seu vizinho, é isso?

— Sim, bem pode dizê-lo. O homem é um idiota da pior espécie. Nós somos apenas arrendatários do apartamento, pelo que vamos acabar por sair daqui mais cedo ou mais tarde.

— Ele ouviu uma altercação — sublinhou o jovem agente calmamente.

— É verdade, a minha companheira e eu tivemos uma discussão, mas nada que justificasse chamar a polícia. Como dizia há pouco, quase não se pode aumentar o volume do televisor sem o vizinho nos aparecer a bater à porta. O som propaga-se muito facilmente em casas antigas como esta.

— Eu sei o que isso é — disse Reimar. — Vivo numa casa assim, no extremo ocidental.

— Sinto muito por fazê-los deslocarem-se aqui — continuou Helgi. — Querem falar com a minha companheira? Para confirmarem que está tudo em ordem? — propôs ele, após uma breve pausa. — Na realidade, ela está a dormir, mas posso acordá-la.

— Não vai ser necessário — Reimar sorriu.

O colega de Reimar parecia preparar-se para dizer alguma coisa. Helgi olhou para ele, e foi como se o seu silêncio paralisasse a fala do jovem.

Após um momento, Reimar voltou a falar.

— Bem, peço desculpa por este incómodo, Helgi. Espero que não o tenhamos acordado.

— Não há qualquer problema. Estava só a ler.

— Vai voltar para junto de nós, na polícia, depois de terminar os estudos?

— Isso está a ser tratado neste momento. Tenho estado em contacto com o Departamento de Investigação Criminal de Reiquiavique para averiguar a hipótese de me juntar a eles mais para o fim do ano. Na verdade, seria o meu trabalho de sonho.

— Ótimo. Nesse caso, espero que nos voltemos a ver em breve.

— Reimar estendeu-lhe a mão, e Helgi apertou-a, fechando a porta em seguida.

Suspirou profundamente. Aquilo tinha corrido tão bem quanto lhe seria possível aspirar. Não contara que o cretino do andar de cima fosse chamar a polícia, apesar de isso ser expectável, tendo em conta o barulho que eles tinham estado a fazer.

Apesar do bater desconfortavelmente rápido do seu coração, a forma imperturbável com que ele lidara com os dois agentes deixava-o satisfeito. A sua experiência na polícia havia-se revelado útil, por ironia do destino.

Era capaz de não valer a pena tentar regressar ao romance policial que estivera a ler. Ainda assim, decidiu fazê-lo. Não ia deixar o maldito vizinho arruinar-lhe o resto da noite. Embora andasse completamente absorvido com o trabalho da tese, precisava de fazer uma pausa de vez em quando, e nada o relaxava melhor que instalar-se no sofá acompanhado de um bom mistério.

O seu falecido pai tinha sido proprietário de uma loja de livros antigos no norte da cidade, e um colecionador entusiasta de romances policiais. Incitara o filho a lê-los desde tenra idade. Após a sua

morte, Helgi herdara uma valiosa coleção de livros antigos e isso fora muito importante para ele. Lera grande parte deles no passado, estando agora a reler gradualmente todo o espólio, desfrutando da possibilidade de visitar obras que lera pela primeira vez em adolescente.

Depois de retomar o seu lugar no sofá, Helgi abriu o livro, um exemplar usado de *Um Enigma para Loucos*, de Patrick Quentin. Lembrava-se de ter ouvido uma novela radiofónica baseada na história a passar na Radio Nacional da Islândia, na sua adolescência. Estava bastante bem feita, tanto quanto recordava. O enredo centrava-se numa sucessão de assassinios num hospital — ou sanatório — onde o protagonista, Peter Duluth, fora internado por alcoolismo. Um tema assaz invulgar numa obra que havia sido publicada na época de ouro dos romances policiais, às portas da Segunda Guerra Mundial. A história viera-lhe à memória recentemente a propósito da sua tese. Mortes num sanatório...

Leu mais umas páginas, mas não conseguia concentrar-se. Talvez o livro não fosse muito bom, simplesmente, embora ele achasse que a sua instabilidade se devesse mais à polícia, ou melhor, ao vizinho do piso de cima. Talvez fosse melhor deixar o livro de lado para já, dar o fim de semana por concluído, e tentar dormir antes umas horas. Teria de ficar no sofá, como era habitual a seguir às brigas entre os dois. Cabia-lhe sempre a ele fazer o sacrifício.

Pousou o livro com cuidado na mesinha de café. Era sempre cuidadoso com eles. Eram os seus tesouros, aqueles romances policiais antigos, mesmo que ele não esperasse obter um lucro apreciável se os vendesse.

Helgi estava ansioso por cair no sono; regra geral, ele não tinha dificuldade em adormecer e precisava verdadeiramente de reunir forças para acabar a tese. O tema era tão insólito que ele ficara de veras surpreendido por o seu orientador no Reino Unido ter aceite a sua escolha.

Nesta noite, um cobertor e uma almofada teriam de fazer as vezes do travesseiro e do edredão, mas não importava; habituara-se a isso e o apartamento estava perfeitamente aquecido.

Helgi despiu a camisa branca e pendurou-a nas costas de uma cadeira.

O coração dele vacilou.

Tinha sido uma sorte os colegas da polícia não repararem na pequena mancha de sangue na manga.

# 1983

*Tinna*

Tinna avançava penosamente por entre a chuva, de cabeça curvada, aconchegando firmemente o casaco ao corpo. O céu estava invulgarmente cinzento e, sob aquela enxurrada, tudo parecia mesclar-se em algo único, nuvens, solo, até as casas aparentavam ser destituídas de brilho e de cor. Os restantes sons diluíam-se no cenário, e o único que ela escutava era o tamborilar da chuva, embora, por outro lado, mal houvesse viva alma a deambular pelas ruas de Akureyri naquela manhã de sábado, a quinze minutos das sete horas. Foi um alívio chegar junto ao carro e refugiar-se no interior, a salvo do temporal.

Tinna era jovem; não passara muito tempo desde que se licenciara em enfermagem. Como nativa da cidade de Akureyri, no norte da Islândia, obter um emprego ali após terminar os estudos deixara-a nas nuvens nos primeiros tempos, já que isso lhe permitia estar perto dos pais e da sua família alargada. Contudo, na prática, o regresso à pequena cidade junto ao fiorde equivalera um pouco a um retrocesso, depois de experimentar o sabor da vida na grande metrópole. Embora fosse conhecida como a capital do Norte, Akureyri tinha uma população de apenas treze mil pessoas, e Tinna começava a sentir alguma claustrofobia ao estar rodeada pelos rostos com que tinha crescido. Começava a aperceber-se de

que se quisesse expandir o seu círculo social, teria de regressar de novo ao Sul em algum momento.

Mas, para já, o emprego no antigo sanatório não era mau, mesmo que ficasse a oito quilómetros da cidade, o que não era exatamente uma distância aceitável para se fazer a pé. O seu trabalho também não era tão desafiante quanto desejaria, contudo, Tinna não deixava de o considerar razoável para início de carreira. Apesar dos doentes de tuberculose já terem desaparecido há muito — o último caso registado era anterior ao nascimento de Tinna — o hospital continuava a ser ensombrado pela ligação à doença, a que era costume chamar-se «morte branca». E os locais continuavam a falar daquele lugar com um temor reverencial, apesar de ele se encontrar vazio, à exceção da ala onde Tinna trabalhava. O serviço não incluía o internamento de doentes, dedicando-se antes a fazer o diagnóstico, investigação e desenvolvimento dos fluxos de trabalho nos cuidados de saúde. Enquanto isso, ao Sul, em Reiquiavique, múltiplas pessoas debatiam a melhor forma de reutilizar os edifícios do antigo sanatório no futuro.

Tinna fora tarde para a cama, depois de passar metade da noite na companhia da sua velha amiga Bibba, e tentava agora vencer o cansaço que sentia. O estado do tempo não ajudava. Adoraria dar meia-volta e regressar a casa, enfiar-se debaixo do edredão e deixar-se adormecer novamente, com o som ritmado da chuva nos ouvidos. Talvez pudesse ter dado parte de doente, mas isso não iria causar muito boa impressão. Restava-lhe apenas fazer das tripas coração e aguentar como pudesse o turno da manhã, tomando um café a seguir e esperar restabelecer-se gradualmente ao longo do dia.

Cabia-lhe a ela ser a primeira a chegar, acender as luzes, fazer café, e deixar tudo em ordem para o resto do dia. O seu dia de trabalho iniciava-se às sete horas em ponto, uma hora antes da chegada das outras duas enfermeiras, Yrsa e Elísabet. Ambas eram mais experientes do que ela, e Yrsa acumulava já várias décadas de

trabalho, pelo que não ia demorar muito tempo a chegar à reforma. Como Tinna, iniciara a sua carreira no sanatório, mas, ao contrário desta, tencionava concluí-la igualmente ali. É claro que Yrsa devia ter desempenhado funções mais exigentes na sua juventude, já que o hospital ainda estava cheio de doentes de tuberculose nessa época. Tinna pensava em si como uma pessoa equilibrada, mas, mesmo ela, por vezes, entretinha a ideia de que os espíritos dos que tinham partido ainda rondavam pelos corredores desertos. Embora nunca tivesse testemunhado propriamente algo semelhante, era frequente sentir-se pouco à vontade no edifício, sobretudo quando estava sozinha.

Naquele dia, um manto de nuvens revestia as montanhas circundantes, com as águas do fiorde de Eyjafjörður a cobrirem-se de cinzento, enquanto Tinna atravessava a cidade no seu carro sob a chuvada forte, com os limpa-para-brisas em movimento, ultrapassava o pequeno aeroporto e subia a encosta do vale até chegar finalmente à saída para o hospital. Os edifícios brancos surgiam numa sublime solidão no alto da colina, acima do rio, dominados por uma mancha de pinheiros vetustos, sem os quais a paisagem ficaria totalmente despida. O edifício principal, composto por três pisos, era austero, com longas fiadas de janelas, escuras e vazias nos tempos atuais. Mais do que nunca, fazia lembrar a Tinna um velho sanatório num filme de terror.

Deu uma corrida do carro até à porta, fustigada pela chuva, tentando abrigar-se rapidamente. O alívio que sentiu ao entrar fez com que demorasse um ou dois segundos a constatar que a porta não estava trancada, conforme era habitual. Ter-se-ia alguém esquecido de o fazer na noite da véspera? As luzes no átrio de entrada também estavam acesas. Isso era estranho.

Era provavelmente Yrsa a culpada. O que até era bom, já que isso significava que ela não iria descarregar em alguém. Apesar da sua aparência simples e despreziosa, Yrsa podia ser surpreendentemente rápida a perder as estribeiras quando acontecia algo

que lhe desagradava. Ainda recentemente, Tinna vira-a a pregar uma valente descompostura a Elísabet devido a uma falha menor, mesmo que esta trabalhasse ali há muito mais tempo que Tinna. Até ao momento, tudo indicava que Tinna continuava nas boas graças de Yrsa, o que quer que isso valesse, embora estivessem muito longe do que se consideraria uma verdadeira amizade. Na verdade, aquilo que Tinna sabia acerca de Yrsa resumia-se ao facto de esta trabalhar como enfermeira há muitos anos. As duas nunca conversavam sobre assuntos de cariz pessoal. Yrsa jamais demonstrara interesse sobre a família ou os objetivos de Tinna, e era certo que fora sempre discreta em relação aos seus. A mulher tendia a mostrar-se taciturna e reservada. Ostentava sempre um ar severo, como se a tivessem obrigado a presenciar demasiado sofrimento ao longo dos anos, o que era sem dúvida verdade. Tinna visualizou-a mentalmente: baixa, sempre de uniforme engomado, com o cabelo curto cinzento-prateado a emoldurar um rosto quadrado, o olhar distante, como se os seus pensamentos vagueassem entre memórias antigas, lidando com os pacientes que haviam perdido a batalha contra a doença implacável. Se havia uma coisa que Tinna se negava absolutamente a fazer era passar a sua vida de trabalho presa àquele lugar como Yrsa. Por aquilo que lhe dizia respeito, este emprego não era mais do que uma rampa de lançamento; o seu objetivo era especializar-se num trabalho mais desafiante no futuro, e num hospital maior.

Tinna encaminhou-se para as escadas, começando por fazê-lo devagar, consciente do eco de cada passo que dava, com a sensação desconfortável de se encontrar completamente sozinha nesta ala do edifício. Sentia-se sempre algo amedrontada de manhã. Apressou ligeiramente o passo, como sempre fazia ao abeirar-se do piso superior, e o ruído dos ecos tornou-se mais intenso, mais avassalador, parecendo reverberar a toda a volta. Assim que chegou ao patamar superior, Tinna respirou mais à vontade. O seu novo casaco amarelo estava encharcado, e ela despiu-o com cuidado,

tentando não deixar o chão molhado, mas sem conseguir evitar que uma pequena poça se formasse debaixo dos cabides. Seja como for, que importância tinha aquilo, quando era garantido que lhe caberia a ela limpá-la?

A porta do gabinete de Yrsa estava entreaberta. Mais uma vez, aquilo era pouco usual, e Tinna sentiu de novo uma pontada de inquietação. Ocorreu-lhe, em sobressalto, a ideia de que poderia não estar sozinha, afinal. Se calhar, Yrsa tinha vindo para ali de madrugada, e isso explicava a razão pela qual a porta de entrada não estava trancada e o gabinete dela tinha a porta aberta.

— Yrsa, já está cá? — chamou Tinna, sem elevar muito o tom da voz.

A jovem não se moveu, limitando-se a ficar parada junto à fila de cabides, vendo a água a pingar do casaco amarelo sobre os ladrilhos. Esperava que Yrsa lhe respondesse com a sua brusquidão habitual, e depois ordenasse que lhe trouxesse um café, acrescentando, *e não me faça esperar*. Todavia, o único som que distinguiu foi o martelar suave e tranquilo dos pingos de água a bater nos ladrilhos, indicando sem sombra de dúvida que Yrsa não se encontrava nas imediações.

Mesmo assim, Tinna resolveu certificar-se. Ainda não estava tranquila, com um instinto primitivo qualquer a avisá-la de que alguma coisa estava errada. Aproximou-se da porta de Yrsa e parada ali por momentos antes de a abrir completamente.

A sua primeira reação foi de surpresa, apenas por uma fração de segundo, até o medo tomar o seu lugar.

Ela viu imediatamente que Yrsa estava morta, apercebendo-se em simultâneo de que não havia nada de natural na sua morte. Apesar disso, ela aproximou-se e pressionou com cuidado o pescoço de Yrsa com os dedos, tentando encontrar algum sinal vital. Não lhe sentiu a pulsação.

Nesse momento, Tinna soube que jamais esqueceria a expressão no rosto de Yrsa. Ao longo da sua curta carreira, ela já havia visto

corpos sem vida, mas este era diferente. Em Yrsa não havia nada de pacífico. Parecia ter lutado até ao fim; como se não estivesse minimamente preparada para se entregar à morte. E, no entanto, ocorria a Tinna que Yrsa não tinha exatamente muito por que viver. O pensamento insensível passou-lhe pela cabeça instantaneamente, enquanto tentava absorver o que via, com a mente a lutar para resistir ao horror.

Yrsa afirmara muitas vezes, orgulhosamente, que a antiga secretária em madeira que utilizava no gabinete era sua propriedade pessoal, uma antiga herança familiar. *A secretária onde o meu pai costumava sempre trabalhar*, dizia. E, agora, estava atravessada sobre a secretária, com o cabelo grisalho a lembrar uma auréola em torno da cabeça. A poça de sangue vermelho-escuro sobre a secretária formava um contraste macabro com a pele acinzentada do cadáver. Foram precisos alguns instantes para Tinna intuir o que estava à sua frente. Começara por assumir que o sangue provinha da cabeça de Yrsa, quiçá de um golpe, ou de uma bala, mas depois, com uma espécie de horror nauseante, reparou que dois dedos de Yrsa haviam sido decepados. A mão mutilada estava pousada sobre a secretária, com os dedos ensanguentados a jazer junto dela.

Tinna deu um passo atrás, e outro a seguir, desviando o olhar da vítima, e inspirou profundamente num som trémulo. Resistiu ao forte impulso de sair dali a correr, com a curiosidade a sobrepor-se ao senso comum. Aquilo era uma espécie de teste. Se ela queria trabalhar como enfermeira, teria de se familiarizar com cenários ainda piores que este. A jovem forçou-se a olhar para a mulher sem vida.

Não se tinha enganado.

O polegar e o indicador da mão direita de Yrsa tinham sido amputados e, agora, não lhe restavam dúvidas de que era essa a origem do sangue, o que a fazia concluir que a mutilação fora realizada enquanto Yrsa estava viva.

O pensamento deixou-a arrepiada.

E, depois, surgiu-lhe a ideia súbita de que ela própria podia correr perigo.

Espreitou por cima do ombro, sentindo uma torrente de adrenalina a percorrer-lhe as veias. Não estava ninguém atrás dela, mas o gabinete de Yrsa também era bastante pequeno para alguém se poder esconder ali. Manteve-se imóvel, à escuta, mas tudo quanto conseguia ouvir eram os habituais rangidos e estalidos do velho edifício. Estava sozinha. A única alma viva naquela ala, a única alma viva em todo o hospital.

Abandonou o gabinete de Yrsa, tendo o cuidado de não tocar em mais nada, mesmo sabendo que as suas impressões digitais tinham ficado na maçaneta depois de ela empurrar a porta. Isso não podia ser evitado.

O passo seguinte era chamar a polícia. Havia um telefone na secretária de Yrsa, mas usá-lo estava fora de questão. Ela tinha medo de tocar em qualquer coisa no gabinete que pudesse contaminar as provas. Havia outro telefone no gabinete do diretor, mas a porta estava fechada e Tinna não punha sequer a hipótese de entrar lá sem ser convidada.

Desceu as escadas a correr para a receção, onde havia um telefone que os outros membros do pessoal podiam usar. Enquanto resistia ao impulso de fugir do edifício, dizia a si própria que tinha de chamar a polícia imediatamente; não tinha alternativa. Antes de pegar no auscultador, perguntou-se se poderia estar a destruir alguma impressão digital, mas seria pouco provável e, de qualquer forma, o mais urgente era chamar a polícia ao local. Preparava-se para marcar o número, quando constatou que não se lembrava dele. Não era todos os dias que precisava de telefonar para a polícia; na verdade, aquela era a primeira vez que o fazia. Olhou rapidamente em redor, sem conseguir localizar uma lista telefónica, até acabar por encontrar a do ano anterior dentro de uma gaveta. Localizou o número e fez a chamada. Alguém respondeu quase de imediato.

— Polícia.

Era uma voz masculina e grave.

Por momentos, Tinna foi incapaz de balbuciar alguma coisa, com o medo a embargar-lhe a voz.

— Polícia — repetiu a voz.

A jovem tossicou e inspirou profundamente.

— Sim... sim, estou. Chamo-me Tinna e estou a ligar do antigo sanatório. Eu... — Vacilou, tentando desesperadamente encontrar as palavras certas.

— Sim? Aconteceu alguma coisa?

— Sim... sim, eu acho que uma mulher que trabalha aqui... eu acho que ela foi assassinada.

# 1950

*Ásta*

Ásta tinha testemunhado demasiadas mortes e sofrimentos ao longo dos seus vinte anos de trabalho no sanatório. Muitos mais do que alguém o devia fazer. Entrara para ali em 1930, apenas quatro anos após a abertura do hospital. Esses tinham sido os anos negros, durante os quais a tuberculose fora a responsável por uma das maiores mortandades na Islândia, precisamente na altura em que parecia estar a regredir nos países vizinhos. Na época, o principal tratamento consistia em isolar os doentes do público e proporcionar-lhes bastante descanso e ar puro, contudo, o grande sanatório nos arredores de Reiquiavique deixara de ter capacidade para acolher todos os casos, o que conduziu à decisão de se criar outro mais a norte, perto de Akureyri.

A doença era implacável, escolhendo as suas vítimas de forma indiscriminada, mas afetando especialmente as mais jovens. O tormento que alguns pacientes tinham de enfrentar era indescritível, os únicos tratamentos disponíveis eram brutais, e Ásta muitas vezes nada podia fazer a não ser tentar tornar a existência mais suportável a doentes a quem apenas restava esperar o esquecimento e uma morte prematura.

Sim, tinha sido pior nos anos iniciais, todavia, ao longo da sua carreira, o número de casos ia decrescendo e os meios de combate

à doença evoluíam. Presentemente, o número de vítimas mortais era menor, embora nem todas as pessoas pudessem ser salvas, infelizmente, mas existiam sinais promissores de que a vitória estava para breve.

Os médicos, pelo menos, pareciam mais otimistas do que antes, principalmente o diretor, Fridjón, um dos elementos da nova geração, que não tinha atingido ainda os 40 anos de idade. Brillante e enérgico, filho de um advogado respeitável de Akureyri e irmão do chefe da polícia local, era um homem destinado a grandes voos, contudo, em vez de rumar à capital, escolhera pôr o seu talento ao serviço deste sanatório a norte, onde os homens bons podiam fazer uma verdadeira diferença. Ásta sentia que se avizinhavam tempos melhores e que o tratamento adequado a esta doença cruel não tardaria a ser descoberto.

Aquele dia, uma segunda-feira cinzenta e húmida, tinha sido particularmente doloroso.

Um novo paciente dera entrada na enfermaria. A admissão de alguém naquela que Ásta designava secretamente por sala de espera da morte era sempre uma má notícia. A agravar a situação, o rapaz tinha apenas cinco anos. Cinco anos... Recordava-se de quando o seu filho tinha aquela idade, um anjinho inocente, mas travesso. Durante um breve momento, ao olhar através da divisória de vidro para o pequeno quarto do rapaz, e ver-lhe os olhos cheios de lágrimas, descobrira os olhos do filho ali refletidos. O seu coração condoera-se daquela criaturinha infeliz e Ásta rezara para que o menino tivesse forças para lutar. Porque sabia que a enfermidade não era forçosamente uma sentença de morte; tinha visto muitos casos a demonstrar o contrário, doentes que se restabeleciam após uma batalha difícil e dispunham de uma segunda oportunidade na vida. A doença atacava quase sempre os pulmões, e aqueles que lhe sobreviviam nunca recuperavam a força física de outrora, mas, pelo menos, estavam vivos. Era só isso que importava. Ela vira como os doentes que recuperavam da

tuberculose abraçavam a vida a seguir a isso. Vira a esperança nos seus olhos, e talvez fosse isso que a levava a não atirar a toalha ao chão; que a levava a aguentar este trabalho martirizante durante vinte anos. A esperança trouxera-lhe força e um objetivo acrescido para a sua vida.

Depois, surgiam dias como aquele, em que o desespero levava a melhor sobre ela. Quando via um menino a enfrentar uma adversidade tão terrível. A vida dele também não tinha sido propriamente fácil até agora, pelo que Ásta ouvira contar. A sua mãe era solteira e alcoólica, tendo ainda outro filho mais velho, proveniente de um pai diferente, sem dúvida.

Já não restavam a Ásta muitos mais anos no seu emprego. Tencionava deixar de trabalhar assim que pudesse e gozar uma reforma descansada na companhia do marido, a ver os netos crescer. Sentia que dera o seu melhor a tratar os doentes e a contribuir para tornar o mundo um lugar um pouco melhor. Nunca tinha andado à procura de uma promoção e esta nunca lhe fora atribuída. Dois anos antes, ela chegara a pensar durante algum tempo que a iam convidar a ocupar o lugar de enfermeira-chefe quando este ficara disponível. No entanto, o convite nunca havia chegado e a sorte calhara antes a uma jovem chamada Yrsa. Ásta dava-se bem com Yrsa, mesmo que a relação de ambas se resumisse ao trabalho, contudo, a grande diferença de idades deixava-a pouco à vontade. Yrsa, que teria pouco mais de 30 anos, podia ser sua filha, mas Ásta passara a ter de obedecer às suas ordens. Tinha aprendido a viver com isso, naturalmente, como em tudo o resto, embora a nomeação de Yrsa pudesse ser mais um dos motivos que a levava a desejar aposentar-se assim que pudesse. Tudo tinha o seu tempo.

Pobre menino... Os seus pensamentos regressaram à criança. Havia pacientes há muito desaparecidos no sanatório que ela cuidara no cumprimento do seu dever, e Ásta apegara-se a essas pessoas. O rapaz não estava sequer sob a sua responsabilidade, pelo menos de uma forma direta e, ainda assim, Ásta sentia-se unida

a ele por um laço forte, talvez por lhe lembrar o seu filho; estava determinada a vigiá-lo constantemente, garantindo o seu bem-estar e tentando que não ficasse isolado. Ele era uma criança feliz e exuberante que adorava inventar histórias. Neste dia, por exemplo, o pai dele fora polícia ou, melhor ainda, um chefe da polícia.

«Ai sim, meu querido?», retorquirá Ásta, deixando-o acreditar naquilo que dizia. Talvez estivesse à espera de que o pai chegasse para o salvar daquela doença. No dia seguinte, o pai podia ser um bombeiro ou *cowboy*.

Muitas vezes, Ásta sabia melhor que os funcionários mais novos a atitude certa a tomar; sabia a importância que o toque tinha para os seus doentes, já que a vontade de viver era um fator tão decisivo para o rumo do destino como a própria doença.

Sim, Ásta tinha executado o seu trabalho em plena consciência ao longo de vinte anos. Nunca hesitara em sacrificar-se pelo bem dos outros, e continuaria a fazê-lo até chegar o momento em que se afastaria para dar lugar à nova geração.

# 2012

*Helgi*

Passava das nove da manhã quando Helgi acordou, e Bergthóra já tinha ido trabalhar. Ele tivera umas boas horas de sono, passando uma noite sem sobressaltos, mas, afinal, o sofá acabava por funcionar como um leito bastante confortável quando era preciso. Bergthóra não o tinha acordado para se despedir, se bem que isso fosse já habitual.

O que lhe apetecia verdadeiramente era ler mais uns capítulos do policial protagonizado por Peter Duluth, mas, em vez disso, obrigou-se a levantar. Havia demasiadas distrações, agora que tinha regressado à Islândia e ainda não estava a trabalhar; seria fácil cair no hábito de passar as noites acordado e dormir o dia inteiro, sem concretizar absolutamente nada, mas essa não era uma opção viável. Tinha sido sempre uma pessoa organizada e diligente, mas, nas atuais circunstâncias, precisava de exercer toda a sua autodisciplina se quisesse terminar a tese no mais curto espaço de tempo possível.

Havia uma decisão a tomar em relação ao seu futuro. Sentia que devia regozijar-se por ter a possibilidade de fazer escolhas, por ser um homem jovem com a vida pela frente e, mesmo assim, a incerteza deixava-o inseguro e até um pouco apreensivo.

No Reino Unido, o seu orientador tinha-o posto em contacto com um escritório de advogados britânico especializado em ciências

forenses, o qual não só se mostrara interessado nele, como ainda lhe oferecera trabalho. A ideia deixara-o bastante entusiasmado, já que Helgi tivera sempre o desejo de trabalhar no estrangeiro, e essa porta abria-se-lhe nesse momento. Contudo, ao exprimir a vontade de aceitar a proposta, Bergthóra recusara-se a apoiá-lo, e o conflito daí resultante ainda não estava inteiramente sanado. Ela começara por argumentar que poderiam antes ir para um local mais quente, se quisessem continuar a viver no estrangeiro, embora não avançasse com qualquer sugestão a propósito disso e, mais importante ainda, Helgi não tivesse outra proposta de trabalho num ponto mais a sul. Depois, Bergthóra dissera-lhe que não queria renunciar ao seu emprego na Islândia. Interrompera a carreira para acompanhar Helgi ao Reino Unido enquanto ele estudava, mas ficara sempre bem claro que se tratava de uma situação temporária e, agora que regressara à Islândia, tinha retomado o seu trabalho de direção. Bergthóra era assistente social e, na opinião de Helgi, o trabalho exercia sobre ela uma preocupante pressão excessiva, mesmo em comparação com a experiência que ele tivera na polícia. Por vezes, Helgi desejava que ela tivesse uma profissão diferente.

Havia ainda a outra proposta de trabalho. Helgi tinha recebido um telefonema do chefe do departamento policial responsável pela investigação de crimes violentos, como homicídios e danos pessoais graves. Helgi não possuía qualquer experiência no género de investigações levadas a cabo pelo DIC, já que o seu trabalho temporário no verão envolvera casos rotineiros, sobretudo, e de naturezas muito diversas. O telefonema fora inesperado, e era provável que o seu nome tivesse chegado aos ouvidos do homem casualmente, devido aos excelentes resultados obtidos por Helgi na sua formação no estrangeiro e por ele dispor ainda de vários contactos na polícia islandesa. No caso de o sonho de trabalhar no Reino Unido não se concretizasse, tinha de admitir que trabalhar nos serviços de investigação complexos do DIC de Reiquiavique

seria um prémio de consolação perfeito. Na sequência do telefonema, Helgi deslocara-se à esquadra de polícia para uma entrevista, e agora estava tudo nas suas mãos. podia começar a trabalhar mais para o fim do ano, se assim o quisesse; tinha apenas de tomar a sua decisão.

É claro que ele e Bergthóra haviam debatido o assunto diversas vezes, e ela fora clara na sua vontade, manifestando várias vezes a sua incompreensão por ele não ter aceiteado ainda a oferta de trabalho em Reiquiavique.

«Eles não vão ficar eternamente à espera, Helgi», repetia constantemente. Mas, na verdade, não havia motivos para se precipitar. Além de ser óbvio que Helgi era a pessoa desejada pelo chefe de departamento, não lhe fora colocada qualquer pressão em termos de tempo. De momento, tudo o que queria era saborear a sua liberdade mais alguns meses e manter vivo durante algum tempo o sonho de trabalhar no Reino Unido. Precisava de tempo para reorganizar a sua vida em Reiquiavique e aceitar o facto de que a sua carreira ia começar e, tudo o indicava, terminar igualmente ali.

Quando Helgi fora para o estrangeiro, a Islândia enfrentava uma situação grave em sequência à crise no setor bancário, mas encontrara um país já em recuperação no seu regresso. O turismo estava em franca expansão devido à desvalorização da moeda, o que levava o país a deixar de ser um destino terrivelmente dispendioso e a tornar-se um ponto de férias atractivo. Sentia à sua volta um otimismo crescente, após anos de introspecção e pessimismo no rescaldo da crise, onde parecia que todos tinham deixado de fazer planos para o futuro.

Talvez não fosse assim tão mau fazer a sua vida ali, afinal. Trabalhar no DIC não ia ser monótono de forma alguma; Helgi sabia que tinha a aptidão para aquele trabalho e é claro que havia sempre os policiais onde podia refugiar-se quando a pressão do dia a dia se tornava demasiado intensa.

Já tinha dado um avanço à sua tese. Fora relativamente fácil obter a autorização para aceder aos ficheiros da polícia, sob a condição de não divulgar publicamente o seu estudo de imediato. O facto de o caso remontar a quase trinta anos jogara a seu favor, provavelmente. «As Mortes no Sanatório» fora a designação dada ao caso por muitos dos jornais da altura, evocando até uma daquelas histórias de mistério da época dourada. Helgi tinha analisado todos os artigos e reportagens que encontrara, obviamente. Embora as mortes tivessem sido chocantes naquela altura, em 1983, pareciam estar já tão distantes que ler acerca delas era como folhear um velho policial, e o mesmo acontecia quando ele esquadrihava os relatórios datilografados, já amarelecidos, nos arquivos da polícia. Pessoas reais, de carne e osso, haviam perdido a vida em circunstâncias trágicas, mas Helgi encarava tudo aquilo, acima de tudo, como um *puzzle* interessante. Em parte, a sua atração pelo caso devia-se à ligação deste com a sua cidade natal, Akureyri. Os edifícios imponentes do antigo sanatório eram uma visão familiar para os habitantes locais, e Helgi já tinha conhecimento das mortes ocorridas há algum tempo, muito antes de decidir escrever sobre elas. Durante a pós-graduação no Reino Unido, ocorrera-lhe servir-se da tese como uma oportunidade para mergulhar na investigação histórica. Analisar a investigação original à luz da modernidade dava azo a várias questões, ao mesmo tempo que o motivo se mantinha fascinantemente enigmático. Munido das teorias aprendidas na sua pós-graduação em Criminologia, estava decidido a conduzir uma análise académica e profunda de um dos casos de assassínio mais notórios da história recente da Islândia.

Contudo, aquilo que o atraía sobremaneira em «As Mortes no Sanatório», era o facto de quase trinta anos depois, tanto quanto se apercebia, o mistério continuar por resolver.

## AKUREYRI, NORTE DA ISLÂNDIA, 1983

Outrora um hospital dedicado ao tratamento da tuberculose, o Sanatório de Akureyri é agora assombrado apenas pelos fantasmas do seu passado.

Uma única ala permanece aberta, que se dedica a investigação científica, albergando seis funcionários: dois médicos, três enfermeiras e o zelador.

Quando Yrsa, uma das enfermeiras, é brutalmente assassinada, torna-se evidente que a morte nunca abandonou aquele lugar.

É aberta uma investigação em torno dos cinco suspeitos, mas o caso é rapidamente encerrado.

2012

Helgi Reykdal, um jovem criminologista, decide regressar à Islândia após lhe ser oferecido emprego na polícia de Reiquiavique, no seguimento da reforma de Hulda Hermannsdóttir, uma das investigadoras responsáveis pelo caso de Yrsa.

Embrenhando-se cada vez mais no passado, Helgi decide tentar encontrar os antigos suspeitos. O que encontra, no entanto, é uma teia terrível de segredos, traições e mentiras.

**Primeiro livro de uma nova trilogia, *Morte no Sanatório* é um policial claustrofóbico, multifacetado e brilhante, lembrando o melhor de Alfred Hitchcock.**

Do mesmo autor:



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789895832705



9 789895 832705 >